

# Introdução

O trabalho que proponho à leitura e ao olhar daquelas e daqueles que o terão em mãos situa-se em um domínio novo da história em plena expansão: o domínio do imaginário.

Évelyne Patlagean define-o da seguinte forma: “O domínio do imaginário constitui-se pelo conjunto das representações que ultrapassam o limite imposto pelas constatações da experiência vivida e pelas deduções correlatas que ela autoriza, o que equivale a dizer que toda cultura, portanto toda sociedade e mesmo todos os níveis de uma sociedade complexa, possui o seu imaginário. Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário mostra-se variável, ao mesmo tempo em que o território coberto por esse limite permanece, ao contrário, idêntico em qualquer tempo e lugar, visto que não se trata de outra coisa senão do campo completo da experiência humana, desde o mais coletivamente social até o mais intimamente pessoal”<sup>1\*</sup>.

Já tentei definir esse domínio do imaginário no meu livro *O imaginário medieval*<sup>2</sup>. Antes de tudo, é pre-

---

1. PATLAGEAN, E. A história do imaginário. In: LE GOFF, J. (org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\* A maioria das citações desta edição foi traduzida livremente [N.T.].

2. LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

ciso distingui-lo de outros conceitos aproximados. Do de representação em primeiro lugar. Évelyne Patlagean tem razão ao dizer que o imaginário reúne um conjunto de representações, mas este vocábulo bastante amplo engloba toda tradução mental de uma realidade exterior que é percebida. “O imaginário faz parte do campo da representação, mas ele ocupa neste último a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagens do intelecto, mas criadora, poética no sentido etimológico do termo.” O imaginário transborda o território da representação e é levado adiante pela fantasia, no sentido forte da palavra. O imaginário constrói e alimenta lendas e mitos. Podemos defini-lo como o sistema de quimeras de uma sociedade, de uma civilização que transforma a realidade em visões ardentes do intelecto. Em seguida, o imaginário deve ser distinguido da simbólica. O pensamento do Ocidente medieval realizava-se através de um sistema simbólico, a começar pelas constantes correspondências entre o Novo e o Antigo Testamentos, pois o primeiro é a tradução simbólica do segundo. Para tomar o exemplo da definição de uma das maravilhas deste livro por Victor Hugo, quando o poeta diz de Notre Dame de Paris vista por Quasímodo: “Para ele, a catedral não representava apenas a sociedade, mas, mais do que isso, o universo, a natureza inteira”, ele cria não somente uma catedral simbólica, como também uma catedral imaginária, pois “toda a igreja louvava uma coisa fantástica, sobrenatural, horrível, aqui e ali olhos e bocas abriam-se”. Por fim, é necessário diferenciar o imaginário e o ideológico. O ideológico é investido por uma concepção do mundo que tende a impor à representação um sentido que perverte tanto o “real” material quanto esse outro real, o “imaginário”. A mentalidade e o verbo medievais são estruturados por esse ideológico que coloca o imaginário a seu serviço para melhor persuadir, como por exemplo

o tema dos dois gládios que simbolizam poder espiritual e poder temporal, posto a serviço da ideologia eclesíastica de modo a subjugar o gládio temporal ao espiritual em paralelo à imagem do gládio, da espada, um dos elementos essenciais desse imaginário medieval imbuído de ardor guerreiro. O termo “imaginário” sem dúvida remete-nos à imaginação, mas a história do imaginário não é uma história da imaginação no sentido tradicional, trata-se de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam e animam. Essa história tornou-se possível há algumas décadas a partir da nova utilização das imagens pelos historiadores<sup>3</sup>. Jean-Claude Schmitt, um dos historiadores que mais se dedicaram a essa nova história das imagens e pela imagem, enfatiza que o novo sentido da imagem para o historiador corresponde muito bem aos significados do termo *imago* na Idade Média.

De fato, essa noção encontra-se no âmago da concepção medieval do mundo e do homem. Ela remete não somente aos objetos figurados, como também às “imagens” da linguagem; ela refere-se igualmente às imagens “mentais” da meditação e da memória, das quimeras e das

---

3. Sobre as imagens e o historiador, cf. SCHMITT, J.-C. Imagens. In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J.-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru/São Paulo: Edusc/Imprensa Oficial do Estado, 2002. • BASCHET, J. & SCHMITT, J.-C. (orgs.). *L'image - Fonctions et usages des images dans l'Occident Médiéval*. Paris: Le Léopard d'Or, 1996 [Cahiers du Léopard d'Or, n. 5]. • LE GOFF, J. *Un Moyen Âge en images*. Paris: Hazan, 2000. • WIRTH, J. *L'image médiéval: naissance et développement (XI<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècle)*. Paris: Klincksieck, 1989. Sobre o simbólico, cf. o incrível livro de PASTOUREAU, M. *Une histoire symbolique du Moyen Âge Occidental*. Paris: Seuil, 2003.

visões [...]. Por fim, a noção de imagem diz respeito à antropologia cristã por inteiro, tendo em vista que é o homem que a Bíblia qualifica de “imagem” logo nas suas primeiras palavras: Javé diz que ele fabrica o homem *ad imaginem et similitudinem nostram* (Gn 1,26)<sup>4</sup>.

Portanto, este livro é um conjunto de textos e imagens articulados entre si. Ele só foi possível graças à sabedoria e pesquisa de Frédéric Mazuy, um iconografista notável. O presente trabalho não busca apresentar uma visão global do imaginário medieval, mas somente as suas características através de certas partes notórias deste conjunto. Trata-se, como o título indica, de heróis e maravilhas. O termo “herói”, que na Antiguidade designava uma personagem fora do comum em função da sua coragem e vitórias sem que por isso ela pertencesse às categorias superiores dos deuses e semideuses, desapareceu da cultura e da linguagem com a Idade Média e o cristianismo no Ocidente. Os homens que a partir de então eram considerados como heróis – sem que este termo fosse empregado – eram um novo tipo de homem, o santo, e um tipo de governante promovido ao primeiro plano, o rei. Recentemente publiquei um livro sobre essas duas categorias de “heróis” da Idade Média<sup>5</sup>. Os heróis de que se trata aqui são personagens de alto posto ou de nível elevado que se definem não como santos e reis, mas de outra forma. O termo da linguagem medieval que mais se aproxima em francês antigo do que pretendo designar aqui é o adjetivo *preux* (corajoso, valente), que, no final do século XII, passa a ser substantivo. No século XII, o termo de onde vem a palavra *prouesse* (proeza) era

---

4. SCHMITT, J.-C. *Imagens*. Op. cit.

5. LE GOFF, J. *Héros du Moyen Âge: le saint et le roi*. Paris: Gallimard, 2004 [Col. “Quarto”].

associado ao valor guerreiro e à coragem, e na maior parte das vezes designava um homem destemido, um bom cavaleiro. No século XIII, ele modificou-se adotando principalmente o sentido de cortês, gentil, belo, franco. Veremos esses laços com a coragem e a cortesania nos heróis apresentados aqui. Algumas dessas personagens são históricas, mas rapidamente tornaram-se legendárias. É o caso de Carlos Magno e do El Cid. Outras são semilegendárias, tendo evoluído para o *status* de herói a partir de origens obscuras e às vezes incertas. É o caso do rei bretão Artur, encontrado em uma crônica do apogeu da Alta Idade Média, ou do Conde Rolando, sobrinho real, mas bastante obscuro, de Carlos Magno.

Outras, enfim, são puramente legendárias. É o caso de um suposto papa de sexo feminino, a Papisa Joana, e de um cavaleiro que roubava, um protetor dos fracos ligado ao mundo da floresta, Robin Hood, que surge nas crônicas do século XIV sem que qualquer aproximação histórica seja convincente. Sem dúvida nenhuma, este também é o caso da fada Melusina e do mago Merlin. Esta primeira lista mostra que, entre história e lenda, entre realidade e imaginação, o imaginário medieval constrói um mundo misto que constitui o tecido da realidade cuja origem se encontra na irrealidade dos seres que seduzem a imaginação dos homens e mulheres da Idade Média. Vê-se que não colocamos aqui nenhuma personagem que não tenha obtido um *status* legendário na Idade Média ou mais tarde: Joana d'Arc, por exemplo, não marcou as imaginações medievais e, quando tornou-se uma personagem quase legendária, não se destacou realmente da história ou, se por acaso o fez, foi por ter-se tornado para alguns uma verdadeira santa, e para outros o veículo de uma ideologia nacionalista. Vê-se também que a lista dos heróis apresentados aqui é essencialmente masculina. Ela corresponde bem a esse período, a

essa civilização que Georges Duby chamou de “*mâle Moyen Âge*” (“máscula Idade Média”). No entanto, como a promoção da mulher, inclusive por intermédio da lenda e do mito, não foi – longe disso – inexistente na Idade Média, encontraremos aqui quatro mulheres bem diferentes umas das outras. Uma delas, personagem romanesca, está no âmago do tema do amor cortês. É Isolda, que eu não quis separar de Tristão e que prova a presença, na realidade social e no imaginário da Idade Média, de casais célebres: Abelardo e Heloísa, São Francisco e Santa Clara de Assis, Tristão e Isolda. Neste estudo não separei Tristão e Isolda como a lenda quis impiedosamente fazê-lo, sem felizmente conseguí-lo. Uma outra mulher é produto das fantasias dos clérigos. Ela ilustra bem o medo que esses guerreiros brutais e sem tato tinham dos charmes e malefícios da mulher, considerada como uma nova Eva. Que escândalo, que catástrofe se uma mulher traiçoeiramente adotasse o corpo e a função de um homem, o único autorizado a preencher essa condição! Deste medo, desta fantasia nasceu a legendária Papisa Joana.

As duas outras mulheres deste livro são sobrenaturais. Elas são fantásticas e testemunhas da presença, no seio do cristianismo medieval, de personagens e lemas legados pelas crenças pagãs que foram combatidas e mais ou menos eliminadas ou simplesmente cristianizadas em superfície. Do mundo germânico pagão vem a Valquíria, a virgem guerreira que protege as portas do Valhalla, o paraíso teutônico. A outra, a Melusina, vem do mundo céltico e infernal. Eu gostaria de enfatizar desde já a importância, no imaginário medieval, do que chamamos meio vagamente de “cultura popular”. Como este livro não privilegia os objetos “maravilhosos” – que nós encontraremos, porém, ao lado dos nossos heróis –, não há nenhum artigo sobre esses objetos tão importantes no imaginário medieval, como as espadas, por exemplo a Joyeuse de

Carlos Magno, a Durandal de Rolando, a Excalibur de Artur; as trompas, das quais a mais famosa é a de Rolando; os filtros, que desempenham um grande papel na história de Tristão e Isolda; e por fim aquele objeto misterioso e místico que encontraremos no topo do ideal cavaleiresco, o Graal.

Fora as personagens individuais, este livro apresenta as personagens coletivas que habitaram o imaginário medieval. Como já dito a propósito dos cavaleiros valentes, elas evocam ou coragem guerreira ou cortesia, ou as duas ao mesmo tempo. Trata-se do cavaleiro, que se situa no centro do imaginário cavaleiresco, e do trovador, que se encontra no cerne do imaginário cortesão. Juntei a estes dois o grande animador da sociedade senhorial medieval, o truão criador da brincadeira e do riso, o jogral.

Assim como apresentei os reis e os santos em outro livro, outros seres superiores não constarão aqui. Os inúmeros seres que povoam o céu e os infernos e que frequentemente passeiam neste mundo, anjos e demônios que agredem ou socorrem sem descanso os homens, não pertencem ao conjunto de seres essencialmente humanos, embora legendários e míticos, que povoam este livro. Encontraremos aqui apenas uma exceção: o bando Hellequin, que os alemães chamam de “caça selvagem” ou “enfurecida” (*wilde, wütende Heer*), já que esta tropa de cavalgantes fantásticos que percorrem as noites do imaginário dos homens da Idade Média é constituída por seres humanos e representa um grupo “maravilhoso” de fantasmas. Na minha seleção, não retive os seres fantásticos de aparência humana, dos quais quase nenhum se distinguiu a ponto de se tornar um elemento individualizado que a Idade Média teria legado à posteridade. Trata-se dos gigantes e dos anões, os quais figuram quase que no imaginário medieval inteiro. Porém, a memória desses seres de tamanho excepcional não se manteve de modo

individual. Com relação aos anões, somente o belo anão da canção de gesta *Huon de Bordeaux*, Aubéron, marcou a história musical com a sua trompa mágica graças à ópera romântica de Weber. Quanto aos gigantes, fora o malvado Morholt de Tristão e Isolda, o único que se tornou um herói positivo conseguiu esta posição ao virar um santo, São Cristóvão, que no imaginário contemporâneo carrega o Menino Jesus no ombro.

Em compensação, encontraremos entre os heróis e as maravilhas dois representantes do mundo animal maravilhoso<sup>6</sup>. Os animais não somente povoaram intensamente o ambiente doméstico e selvagem dos homens e mulheres da Idade Média, como também rodearam ou iluminaram o seu universo imaginário. Eles estão representados aqui por um animal legendário, o unicórnio, e um real que se tornou legendário graças à literatura, a raposa. Como foram elevados ao mesmo nível que os homens e as mulheres da Idade Média, eles ilustram também a ausência de fronteiras entre o mundo puramente imaginário e o mundo transformado em fantasia que caracteriza o universo medieval, o qual ignorava qualquer demarcação entre o natural e o sobrenatural, esta terra e o além, a realidade e a fantasia. Não incluí, porém, um domínio essencial dos animais imaginários, os monstros<sup>7</sup>. Estes últimos geralmente são seres puramente maléficos, e os heróis e maravilhas do nosso livro ou são positivos ou no máximo ambíguos. O que

---

6. DELORT, R. Animais. In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J.-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. *Op. cit.*

7. LECOUTEUX, C. *Les monstres dans la pensée médiévale européenne*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1993.

• FRIEDMAN, J.B. *The Monstrous Races in Medieval Art and Thought*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1981. Umberto Eco está preparando um livro sobre os monstros medievais.

é apresentado aqui constitui o melhor do imaginário medieval. Em paralelo aos heróis, a outra vertente deste livro são as maravilhas<sup>8</sup>. O maravilhoso é uma categoria legada pela Antiguidade, mais precisamente pelo saber romano na Idade Média cristã. O termo, que aparece na maior parte das vezes sob a forma de *mirabilia*, no plural, designa realidades geográficas e, de modo geral, naturais, surpreendentes. A noção invade a literatura e a sensibilidade medievais através das línguas vulgares; “maravilha” pode ser encontrada a partir do século XIII em francês antigo em *Vie de saint Alexis* e na *Canção de Rolando*; no mesmo modelo, outros termos vindos do latim encontram-se em italiano, espanhol e português; no mesmo momento, o alemão propõe *Wunder*, e o inglês, *Wonder*, e as línguas eslavas, tais como o polonês, utilizam o termo *Cud*. O maravilhoso forma sistema com o milagre e a magia.

O milagre é reservado a Deus e se manifesta por um ato divino que desafia as leis da natureza. A magia, embora subsista uma forma lícita de magia bran-

---

8. “De l'étranger à l'étrange ou la 'conjointure de la Merveille'”. *Senesciences*, 25, 1988. • *Démons et Merveilles du Moyen Âge*. Nice: Faculté des Lettres et Sciences Humaines, 1990 [Colóquio de Nice, 1987]. • TILBURY, G. *Le livre des merveilles*. Paris: Les Belles Lettres, 1992. • KAPPLER, C.-C. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. • “Paganisme, christianisme et merveilleux”. *Annales ESC*, 1982, p. 700-716. • LE GOFF, J. *O maravilhoso*. In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J.-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Op. cit. • MESLIN, M. (org.). *Le merveilleux, l'Imaginaire et les croyances en Occident*. Paris: Bordas, 1984. • LE GOFF, J. *O maravilhoso no Ocidente medieval*. In: LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Op. cit. • POIRION, D. *Le merveilleux dans la littérature française au Moyen Âge*. Paris: PUF, 1982 [Col. “Que sais-je?”]. • DUBOST, F. *Merveilleux*. In: GAUWARD, C.; LIBERA, A. & ZINK, M. (orgs.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF, 2002, p. 906-910.

ca, é essencialmente uma forma condenável de feitiçaria atribuível ou ao inimigo do gênero humano, o diabo, ou aos seus servidores, como os demônios e bruxos. O maravilhoso, mesmo sendo surpreendente e incompreensível, faz parte da ordem da natureza. Em seu livro *Otia imperialia*, enciclopédia escrita pelo Imperador Otton IV por volta de 1210, o inglês Gervais de Tilbury define o maravilhoso: “O que foge à nossa compreensão, embora seja natural”. A categoria do maravilhoso não parou de se estender ao longo da Idade Média, pois ela introduzia no território terrestre e humano belezas de certa forma roubadas de Deus pela indústria dos homens.

O domínio do maravilhoso é a estupefação dos homens e mulheres da Idade Média. Ele suscita o maravilhamento e depende do mais bem exercitado e exaltado sentido do homem medieval: a visão. O maravilhoso fazia os olhos dos homens e mulheres da Idade Média arregalarem-se ao mesmo tempo em que estimulava o intelecto deles. Neste livro, o maravilhoso aparece sob a forma de três edifícios, cada um dos quais é consagrado a um dos três principais poderes que dominam e dirigem a sociedade medieval. O primeiro é Deus e seus sacerdotes, e a maravilha é a catedral. O segundo é o senhor feudal, e a maravilha é o castelo medieval. O terceiro é a sociedade monástica, e a maravilha é o claustro. Cada um desses edifícios abriga um espaço cerrado maravilhoso. Trata-se, portanto, de lugares que lembram o jardim fechado e o paraíso, de territórios maravilhosos do espaço.

O nosso imaginário medieval está evidentemente ligado ao espaço e ao tempo. Do ponto de vista do espaço, ele é fundamentalmente europeu, embora em certos casos o herói e a maravilha estejam mais ligados a uma parte da cristandade, sem que por isso se limitem a ela. Assim, Artur e Robin Hood são principalmente britânicos, El Cid é sobretudo

espanhol, Melusina despertou sonhos na França e no Chipre, onde a família feudal dos Lusignan foi coroada, a Valquíria na Alemanha e na Escandinávia.

Do ponto de vista cronológico, eu quis apresentar aqui o imaginário criado e modelado pela Idade Média. Portanto, deixei de lado tudo o que vinha, de um lado, da Antiguidade greco-romana e, do outro, do Oriente. Quanto aos cavaleiros valentes, veremos no capítulo “O cavaleiro, a cavalaria” como os homens do século XIV transformaram em cavaleiros valentes, ao lado de personagens ilustres da Idade Média, três personagens da Antiguidade (Heitor, Alexandre e César) e três personagens da Bíblia (Josué, Davi e Judas Macabeu). Aqui não se encontram aqueles cavaleiros valentes que a Idade Média simplesmente tomou emprestados. Depois de certa hesitação, também excluí Alexandre, que esteve em grande voga no imaginário medieval, mas que não foi criado por este último. Da mesma forma, não mantive os heróis bíblicos, que não somente não foram inventados pela Idade Média, mas que também foram transformados pelos clérigos medievais geralmente em algo diferente dos heróis ou dos cavaleiros valentes, com exceção dos três tirados da Bíblia no sistema dos nove cavaleiros valentes. Se Davi realmente viveu na Idade Média, foi como rei e músico. Se Salomão teve uma história perturbada durante o período medieval, passando da imagem de um feiticeiro maléfico à de um sábio bem-aventurado, ele não tem nada a ver com a problemática dos heróis e das maravilhas. Nas margens deste mundo situam-se, parece-me, uma única personagem do Antigo Testamento: Jonas, que foi maravilhosamente engolido e cuspidor por uma baleia, e o mundo das temíveis maravilhas que o cristianismo incluiu no Novo Testamento, mas que permaneceram estrangeiras a ele, apesar do seu sucesso: os heróis e maravilhas monstruosas do Apocalipse. O Oriente, e mais

especificamente a Índia, foi uma das maiores fontes do imaginário medieval<sup>9</sup>. Porém, somente um herói indiano, que aliás é cristão, individualizou-se no Ocidente medieval. É o Padre João, rei-padre que no século XII teria enviado uma carta aos ocidentais na qual descrevia as maravilhas da Índia. No entanto, este texto circulou apenas nos meios eruditos, e o Padre João não se tornou suficientemente popular para constar entre os heróis e maravilhas do Ocidente medieval. Essa divulgação especial dos mitos está estreitamente ligada à história das civilizações. A área deste livro é a cultura cristã medieval e as suas heranças, ou seja, a Bíblia, a Antiguidade greco-romana, as tradições pagãs célticas, germânicas e eslavas principalmente. Sua ampla divulgação social faz dela um território dividido entre o que chamamos de cultura erudita e cultura “popular”. Portanto, com frequência serêi levado a aprofundar-me sobre o folclore europeu e internacional, e evocar longínquas heranças ou culturas comuns, em especial o que chamamos de sistema indo-europeu (do qual falo, por exemplo, a propósito

---

9. WITTKOWER, R. “Marvels of the East – A study in the History of Monsters”. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, n. V, 1942, p. 159-197. • GUMILEV, L.N. *Searches for an Imaginary Kingdom – The Legend of the Kingdom of Pfister John*. Londres: Cambridge University Press, 1987. • SOLINUS, C.J. *Collectanea rerum memorabilium*. 2. ed. Berlim: Mommsen, 1895. • JAMES, M.R. *Marvels of the East – A Full Reproduction of the Three Know Copies*. Oxford: [s.e.], 1929. • MARCO POLO. *O livro das maravilhas – A descrição do mundo*. Porto Alegre: L&PM, 1985. • D’AILLY, P. *Imago mundi*. Paris: E. Buron, 1930 (cf. o cap. *De mirabilibus Indiae*, p. 264ss.). • ZAGANELLI, G. (org.). *Letra del Prete Gianni*. Parma: [s.e.], 1990. • ZAGANELLI, G. *L’Oriente incognito medievale*. [s.l.]: Saveria Manelli, 1997. • LE GOFF, J. *L’Occident médiéval et l’océan Indien: un horizon onirique*. In: *Pour un autre Moyen Âge*. Paris: Gallimard, 1977, p. 280-306.

de Artur ou de Melusina). Porém, sem negar esses parentescos, e até essas afiliações, insisto sobretudo na força criadora do Ocidente medieval tanto no domínio do imaginário como no conjunto dos domínios da civilização e na originalidade da maioria dessas criações. A elaboração da utopia de Cocanha, que pode ser datada, é um bom exemplo disso. E, para tomar o exemplo de um herói coletivo bastante presente nesse imaginário (o cavaleiro), os cavaleiros medievais podem reduzir-se aos heróis da segunda função indo-europeia, aos *equites* romanos e aos samurais japoneses, mas, afinal, o espírito cavaleiresco não é uma criação e herança da Idade Média europeia?

Da mesma forma, como em geral um mito está ligado a um lugar ou a um espaço, a maneira como a Idade Média ocidental fixa seus heróis e maravilhas a lugares, mesmo que não sejam aqueles onde eles surgiram, concede-lhes um ponto de implantação geográfica significativo – seja geografia real ou imaginária.

Do ponto de vista cronológico igualmente, esse imaginário constituiu-se ao longo da Idade Média inteira, do século IV ao XIV. Porém, ele floresceu e constituiu-se essencialmente em um universo mais ou menos coerente, principalmente no grande período do Ocidente medieval, que não somente acolheu o seu progresso, mas, como tentei demonstrá-lo, fez com que os valores e, com estes, as imagens do céu descessem para a terra. Os heróis e maravilhas da Idade Média consistem nas luzes, nas proezas dessa instalação dos cristãos em uma terra que eles decoraram com o que edificava a glória e o charme do mundo sobrenatural. Assim como a Jerusalém celeste descera do céu para a terra, os heróis e maravilhas suscitados e criados por Deus foram conservados e exaltados pelos homens já neste mundo, sem esperar a viagem ao além. Este livro pretende ilustrar este grande movimento dos cristãos

da Idade Média de conversão a este mundo terrestre em um contexto de lendas e mitos<sup>10</sup>.

Esta história do imaginário também é, a um grau elevado e em profundidade, uma história com longa duração. Este livro apresenta os heróis e maravilhas da Idade Média, tais como esta última os construiu, venerou, amou e depois legou aos séculos futuros, nos quais eles continuaram vivos, transformando-se em uma combinação de alusões ao passado, adaptações ao presente e abertura com relação ao futuro. De certa forma, trata-se de uma história das atitudes no que diz respeito à Idade Média, do “gosto pela Idade Média” – para retomar o título de um belo livro de Christian Amalvi (*Le goût du Moyen Âge*, em francês).

Este livro é, no domínio do imaginário, a extensão do meu recente ensaio *As raízes medievais da Europa*<sup>11</sup>. Veremos que, se alicerces essenciais da Europa subsistiram desde a Idade Média, a herança dos mitos, heróis e maravilhas foi vítima de um esquecimento, de uma “perda” nos séculos XVII e XVIII, período no qual constituiu-se e reforçou-se, do humanismo às Luzes, uma imagem “negra” da Idade Média: época de obscurantismo, mundo das trevas, *dark ages*. Salvo exceção, os heróis e maravilhas da Idade Média voltaram a ser “bárbaros” – a evolução do gótico ligado à catedral é, a esse respeito, exemplar – ou, mais ainda, foram reco-

---

10. Este período vai do século XII ao XIII. Cf. LE GOFF, J. “Naissance du roman historique du XII<sup>e</sup> siècle?” *Le Roman Historique* – Nouvelle Revue Française, n. 238, out./1972 [número especial]. • LE GOFF, J. Du ciel sur la terre: la mutation des valeurs du XII<sup>e</sup> au XIII<sup>e</sup> siècle dans l’Occident chrétien”. In: LE GOFF, J. *Héros du Moyen Âge...* Op. cit., p. 1.263-1.287.

11. Petrópolis: Vozes, 2007.

bertos por um esquecimento parecido com o gesso e à cal que dissimularam os afrescos medievais.

Em compensação, o Romantismo ressuscitou as lendas e mitos da Idade Média, fê-los renascer no imaginário, em realidade uma lenda de ouro. Este livro consiste em uma ilustração das metamorfoses da memória, dos eclipses e ressurreições, das transfigurações de uma civilização em tudo o que ela tem de mais brilhante, de mais brilhantemente emblemático.

A atual busca por essas metamorfoses do imaginário medieval ilumina os heróis e maravilhas, restituindo-lhes a sua “verdade”, sem no entanto amputá-los nem da aura que explica o seu sucesso e nem da sua função histórica. A Idade Média hoje está na moda, entre sombra e luz<sup>12</sup>. Este livro pretende trazer uma contribuição à voga da “nova” Idade Média, mostrar de onde vem, o que é, e em que perspectivas, futura, europeia ou globalizada, ela ocupa um lugar.

Assim, esta investigação, que em vez de somas apresenta ao leitor pistas, também revela que a história, construída com base em documentos que alimentam as

---

12. A posteridade da Idade Média. Cf. AMALVI, C. Idade Média. In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J.-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Op. cit. • AMALVI, C. *Le goût du Moyen Âge*. Paris: Plon, 1996. • BRANCA, V. (org.). *Concetto, storia, miti e immagini del Medioevo*. Florença: Sansoni, 1973. • ECO, U. “Dez modos de ignorar a Idade Média”. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. • FUHRMANN, H. *Überall ist Mittelalter – Von der Gegenwart einer vergangen Zeit*. Munique: Beck, 1996. • LE GOFF, J. & LOBRICHON, G. (orgs.). *Le Moyen Âge aujourd'hui – Trois regards contemporains sur le Moyen Âge: histoire, théologie, cinéma*. Paris: Léopard d'Or, 1998 [Colóquio de Cerisy-la-Salle, jul./1991 – Cahiers du Léopard d'Or]. • BOUREAU, A. *Moyen Âge*. In: GAUVARD, C.; LIBERA, A. & ZINK, M. (orgs.). *Dictionnaire du Moyen Âge*. Op. cit., p. 950-955.

técnicas de ressurreição do passado, muda, transforma-se com os meios de expressão e comunicação inventados pelos homens; assim como os textos escritos que substituíram a tradição oral o fizeram na Idade Média. Veremos aqui, após o renascimento do Romantismo, um terceiro renascimento do imaginário medieval com duas invenções supremas do século XX: o cinema<sup>13</sup> e as histórias em quadrinhos<sup>14</sup>. Se existe uma história profundamente perpetuada e renovada pelas grandes ondas das revoluções do texto e da imagem, é realmente a história do imaginário.

---

13. A Idade Média e o cinema. Cf. AIRLIE, S. Strange Eventful Histories: The Middle Ages in the Cinema. In: LINEHAN, P. & NELSON, J.L. (orgs.). *The Medieval World*. Londres/Nova York: Routledge, 2001, p. 163-183. • BRETÈQUE, F. Le regard du cinéma sur le Moyen Âge. In: LE GOFF, J. & LOBRICHON, G. (orgs.). *Le Moyen Âge aujourd'hui...* Op. cit., p. 283-326. • “Le Moyen Âge au cinéma”. *Cahiers de la Cinémathèque*, n. 42-43, 1985 [número especial]. • “Le Moyen Âge vu par le cinéma européen”. *Les Cahiers de Conques*, 3, abr./2001.

14. O selo postal também é um suporte moderno de expressão do imaginário tradicional.